

### **Laura Brandão: dos salões aos comícios<sup>1</sup>**

Maria Elena Bernardes<sup>2</sup>- UNICAMP

Laura da Fonseca e Silva, depois do casamento com Octávio Brandão, Laura Brandão, nasceu no Rio de Janeiro, na última década do século XIX, quando uma nova paisagem se descortinava na Capital da República. Apesar da miséria trazida pelo progresso, cores, luxo e sensações novas sempre estiveram presentes. A expansão econômica surgia como apologia de uma nova vida. A cidade se modernizava, e os tempos marcados pelo sistema escravista iam ficando para trás. O trabalho livre surgia como um lado da modernização. Buscando o progresso, a cidade descobria uma nova maneira de ser, reproduzindo os padrões europeus como combate aos usos e costumes tradicionais e na construção de uma nova cidade higienizada, com largas avenidas, teatros, cafés, cinemas e confeitarias. A vida noturna surgia para ficar.<sup>3</sup>

Foi neste contexto que os pais de Laura, Domingos Leopoldino da Fonseca e Silva e Jacinta Cavalcanti, deixaram o Recife e vieram para o Rio de Janeiro, seduzidos pela idéia do progresso que a Capital Federal oferecia. A origem aristocrática da família do casal provavelmente lhes desse contatos na cidade que pudessem facilitar suas vidas. De qualquer forma, passaram a morar na casa de dona Matilde Veiga, sogra do poeta Luís Murat, na rua Silveira Martins, nº 12, entre os bairros do Catete e do Flamengo, que, certamente, fizeram parte de seu círculo de relações. Embora Domingos e Jacinta fizessem parte deste mundo socialmente privilegiado, tudo que tinham era um quarto para morar e uma filha que muito em breve nasceria. Chegando à cidade, o jovem casal, ele com 23 anos e ela com 18, logo percebe que a vida não seria fácil.

Talvez não fosse apenas uma questão de “pobreza”, pois a dificuldade de moradia era séria no Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XIX, agravados ainda mais com a grande imigração que intensificou os problemas sociais e

econômicos já existentes na capital, principalmente pela falta de trabalho e por questões ligadas à habitação.<sup>4</sup>

Foi em meio a estes acontecimentos que Laura chegou ao mundo, em 28 de agosto de 1891. Seu nome foi escolhido pela menina Cordélia, filha do poeta Luís Murat, que na época tinha quatro anos de idade. Seu pai, Domingos, foi pedagogo, abolicionista e republicano. Viveu parte de sua juventude na cidade do Recife, mas sua trajetória perpassa grande parte do país. Como professor, viajava pelo Brasil abrindo escolas. Por esta razão, Laura passou sua infância e adolescência migrando de um estado para outro e, desta maneira, conheceu quase todo o Brasil. Sua mãe Jacinta, boa cozinheira e costureira, bordava com mãos de fada. Ela é retratada como uma mulher mansa e trabalhadeira, assim como quase todas as suas contemporâneas.

A vida familiar de Jacintinha, no entanto, fugia aos padrões da época. Vivia-se o ano de 1909, um tempo em que, via de regra, as mulheres se casavam e assim permaneciam até a viuvez. Mas, para ela, o tempo de suas vivências particulares contavam mais. Com três filhos – Laura, Tercina e Bel – separou-se de Domingos. As verdadeiras razões nunca foram relatadas – pelo menos seus descendentes não registraram em suas memórias. Philippe Ariès observou que é difícil para o historiador interpretar o silêncio que reina sobre os vastos domínios da vida: ora ele significa a indiferença ou a ignorância, ora o pudor e o segredo. Existem coisas que não se dizia: o amor conjugal era uma delas.<sup>5</sup> Talvez Jacinta tenha se cansado do espírito aventureiro de Domingos, ou o amor tivesse acabado, ou ainda, quem sabe, outros amores!

Com os pais separados, Laura passou a viver junto com a mãe e os dois irmãos na casa do tio-avô, Conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. Com dezoito anos de idade, Laura não parecia preocupada com o que certamente mobilizava as moças de sua idade. Os padrões de comportamento ditavam que o ideal de toda moça deveria ser o casamento. Longe disso, Laura não parecia acreditar no casamento e maternidade

como destinos. Ao contrário, este foi o período de sua maior produção poética, além de estudar música e piano. Publicou quatro livros de poemas.<sup>6</sup> Foi nesta época também que se firmou como declamadora reconhecida nos salões literários do Rio de Janeiro. O da casa de Rui Barbosa, por exemplo, era um dos mais requintados salões cariocas, o que conferia maior prestígio aos seus freqüentadores. Laura organizava reuniões sociais e usufruía ao máximo da companhia dos artistas que freqüentavam a casa do Conselheiro Albuquerque, como o compositor Glauco Velásquez, o poeta Hermes Fontes, o artista plástico Antônio Parreiras, o poeta e escritor Olavo Bilac, a pintora Tarsila do Amaral, a violinista Paulina D'Ambrosio, a poeta Julia Cortines, entre outros.

Provavelmente, influenciada pela poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia - poetas que ela admirava e com quem mantinha relações próximas - suas primeiras composições, editadas no livro *Poesias (1915)*, são vinculadas ao rigor Parnasiano. Daí por diante, distanciou-se do Parnasianismo, abandonou a métrica e seus versos ficaram soltos, menos objetivos, mais musicados, adquiriram cor e luz; próximos do Romantismo.

Entretanto, sua visibilidade e seu prestígio, enquanto poeta na sociedade letrada carioca, não eram acompanhados de uma remuneração que lhe garantisse o sustento - o que, aliás, acontecia com outros poetas e literatos renomados, que não conseguiam prover suas necessidades materiais com a literatura. O prestígio social dos homens de letras, no final do século XIX e início do século XX, nem sempre condizia com a condição econômica em que viviam.<sup>7</sup> Laura, com o poema “Entre Artistas”, protestava:

**Entre artistas não deve ser assim  
Como na sociedade:  
É preciso outras leis para esta gente  
Que vive do que sente [ ... ]  
para esta gente aflita,  
Que, no meio de tanto horror, inda acredita  
Na coragem, na Luz; [...]  
E esta gente que luta, sofre e pensa, às vezes  
Abandonando um pouco as coisas graves,  
Procura a fantasia e canta como as aves [...]**

Intérprete de Castro Alves, Laura recitava suas poesias e as dos amigos poetas. Olavo Bilac, com quem recitava seus versos, era rigoroso. Dizia: “tenho vontade de meter-me embaixo da mesa quando, numa sala, alguém diz que uma moça vai recitar versos meus”. No entanto, referindo-se a ela numa reunião literária na casa de Coelho Neto, disse: “ouvir Laura é ouvir a própria poesia”.<sup>8</sup>

Assim, Laura vai construindo seu espaço de poeta ao lado dos homens de letras. Recebeu, através de cartas, os aplausos de poetas, escritores, pintores, intelectuais e, com muitos deles, parece ter mantido relacionamento próximo. Alberto de Oliveira – poeta parnasiano contemporâneo de Bilac – a coloca como uma de seus pares quando escreve: “Distinta colega. Li todo o seu livro e em parte releio agora [...] entre os mais estimulantes volumes de minha estante, guardarei este [...] com os meus aplausos”.<sup>9</sup>

Mas não era este o único registro possível. Andrade Muricy, bacharel pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, além do magistério exercido na Escola Superior do Comércio e no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, era ainda colaborador nos jornais *A Folha* e *A Tribuna*, no Rio de Janeiro, nos quais escrevia crítica literária e musical. Redator e crítico musical do *Jornal do Comércio*, foi ainda diretor do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Muricy publicou longa crítica a respeito da poesia de Laura no livro *Alguns Poetas Novos*, com a qual conclui: [...] a força de suas composições levam-nos à convicção de que suas possibilidades artísticas são muito vastas e muito promissoras”.<sup>10</sup>

Teve igualmente prestígio confirmado pela academia: o filólogo e historiador João Ribeiro, em 1912, publicou, no *Almanaque Brasileiro Garnier* do qual era diretor, dois poemas de Laura: o soneto “Voz da Razão”, em junho, e “Sonata Boêmia”, em novembro, os quais são precedidos de uma nota introdutória que diz: “[...] desejamos chamar a atenção dos nossos poetas tão numerosos em todo o Brasil que ainda desconhecem o nome da poeta que com seguras esperanças promete ocupar com destaque um dos lugares mais distintos no meio intelectual [...] já tem escrito numerosas produções ainda inéditas, apenas ouvidas de íntimos que tanto admiram a arte imitável com que as recita”.<sup>11</sup>

Certamente o sucesso poderia ter sido muito maior se a vida de Laura não tivesse tomado outro rumo. Em 1921, casou-se com o comunista Octávio Brandão. Do casamento com Octávio, teve quatro filhas: Sáttva (1922), Vólia (1923), Dionysa (1925) e Valná (1932). As três primeiras são brasileiras. A última nasceu em Moscou.

Após o casamento, Laura foi se distanciando lentamente da elite literária da qual fazia parte. Junto com Octávio, envolveu-se com o mundo dos comunistas e trocou os salões literários pelas ruas, greves operárias, reuniões sindicais e a redação do jornal *A Classe Operária*, órgão oficial do PCB (Partido Comunista do Brasil). Sempre presente em comícios com “as filhas pelas mãos”, sua participação mais relatada é a do episódio da Praça Mauá, no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1929, num comício organizado em solidariedade à greve dos gráficos em São Paulo, quando Laura, revelando uma liderança ímpar, dominou os soldados que avançavam contra os manifestantes.

Como militante de esquerda, atuou ao lado do Partido Comunista Brasileiro, embora nunca tenha se filiado a ele. Com a militância, vieram as prisões, a polícia na porta de sua casa acompanhando os passos de Octávio Brandão, a vida de privações a que foi submetida pelas circunstâncias da conjuntura política que o país vivia. Desde 1922, dedicou-se à literatura marxista. Sua militância feminista se deu junto ao Comitê de Mulheres Trabalhadoras (1928), ligado ao Bloco Operário Camponês, do qual foi uma das fundadoras.

Pagou caro pela escolha que fizera. Entre tantos momentos difíceis vividos, um deles foi, na tarde do dia dezoito de junho de 1931, quando a família, deportada pelo Governo Getúlio Vargas, partiu para o exílio. Brandão saiu da Casa de Detenção e foi direto para o cais, onde Laura e as três filhas o esperava. Cercados por oito agentes da polícia, foram embarcados. Eram 15:45 horas quando o navio Weser deixou o cais da Praça Mauá. Na despedida, alguns amigos e Dominginhos, o pai de Laura.

Depois de vinte e três dias a bordo do navio Weser, chegaram à cidade de Bremen, na Alemanha, onde permaneceram por poucos dias. De lá, partiram para Moscou e não foram poucas as dificuldades enfrentadas desde que chegaram. Brandão não tinha nenhum documento que comprovasse sua função no PCB e, na seção soviética do Socorro Vermelho, chamada MOPR, foi tratado com visível desconfiança. A princípio, a família não fora reconhecida como exilados políticos, até que Tina Modotti, responsável pelos latino-americanos na Casa de Emigrados do Socorro Vermelho Internacional, esclareceu quem era de fato Octávio Brandão.<sup>12</sup>

Para Laura, viver em Moscou não foi nada fácil e, ao que parece, não conseguiu adaptar-se nunca completamente. No entanto, a partir de 1935, sua vida melhorou um pouco, quando começou trabalhar na Rádio de Moscou como redatora e locutora de programas em português, com transmissões para o Brasil e países da América Latina, assim como Portugal, Espanha e colônias de Portugal na África. Foi ela quem fundou a redação brasileira com transmissões para o Brasil. A primeira edição foi ao ar em cinco de Julho de 1935. Laura em seus programas, além de difundir a propaganda soviética e glorificar a URSS e o socialismo, que era o objetivo do programa, aproveitava para divulgar a poesia e literatura brasileiras. Não se tem notícia de como era feita a revisão do que Laura escrevia, mas certamente havia esta preocupação por parte da direção da rádio. Como as transmissões eram feitas em português, é provável que ela pudesse burlar sem muitos problemas a censura que porventura houvesse.<sup>13</sup>

Os dez anos vividos em Moscou foram mais que suficientes para que ela experimentasse as dificuldades enfrentadas por um país que se organizava em torno de uma perspectiva comunista, na qual Laura via também as possibilidades de uma nova vida. Seu trabalho durante quatro anos como redatora e locutora na Rádio de Moscou e as condições de trabalho que o país oferecia às mulheres devolveram a ela a possibilidade de viver sem abdicar ou hierarquizar as coisas que lhe eram importantes: a família, a luta pela igualdade social, a liberdade, a poesia e o amor. Desse modo,

finalmente, ela conseguia juntar as pontas de sua vida que por vezes haviam ficado tão quebradas.

Mas, nem tudo foi como ela idealizou. Passou a viver uma grande contradição: se, de um lado, ela reconhecia em Stalin um grande líder que foi capaz de enfrentar Hitler, de outro, não suportava presenciar o terror causado por ele com a perseguição, prisão e fuzilamento de tantos companheiros.

No exílio, que durou dez anos, Laura vivenciou a segregação da família imposta pela guerra e nunca pôde voltar ao seu país. As privações de toda espécie a que foi submetida acabaram debilitando a sua saúde e Laura adoeceu. Em agosto de 1941, internada em um hospital de Moscou teve o diagnóstico: estava com um tumor maligno nas glândulas mamárias, agravado por amplas metástases. Para piorar ainda mais a situação, o país estava em guerra, os hospitais abarrotados de feridos e os recursos escassos. Foram seis meses de muitas tentativas, mas também de muita dor e agonia.

Morreu na tarde gelada do dia 28 de janeiro de 1942, em Ufá, na ex-URSS, longe dos amigos, da família e do Brasil, que ela tanto amava.

---

<sup>1</sup> Este texto é parte da minha dissertação de mestrado que tem por título **Laura Brandão: a invisibilidade feminina na política**, defendida em 1995, no IFCH-Unicamp.

<sup>2</sup> Centro de Memória/Unicamp

<sup>3</sup> MENEZES, Lená Medeiros. **Os Estrangeiros e o Comércio do Prazer nas ruas do Rio de Janeiro (1890-1930)**, p. 21.

<sup>4</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho Bar e Botequim: Vida Cotidiana e Controle Social da Classe Trabalhadora no Rio de Janeiro da Belle Epoque**. São Paulo: Brasiliense, 1986 – 1º capítulo.

<sup>5</sup> ARIÈS, Philippe. “O amor no casamento”, in **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.153-159).

<sup>6</sup> **Poesias** (1915), **Imaginação** (1916), **Meia Dúzia de Fábulas** (1917) e **Serenidade** (1918).

<sup>7</sup> Sobre este assunto ver PEREIRA, L.A.M. **O carnaval das Letras: os literatos e as histórias da folia carioca nas últimas décadas do século XX**. Rio de Janeiro. Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

<sup>8</sup> **A Imagem de Laura Brandão, p.60**, - livro escrito por Octávio Brandão, em 1947, e não publicado. FUNDO OCTÁVIO BRANDÃO, Arquivo Edgard Leuenrouth-Unicamp, pasta 120.

<sup>9</sup> Carta manuscrita e assinada por Alberto de Oliveira, em 28 de junho de 1915, Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> MURICY, Andrade. **Alguns Poetas Novos**, 5, Rio de Janeiro: 1918, pp. 21-27.

<sup>11</sup> **Jornal Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1964.

<sup>12</sup> CANALE, Cristinane Barckhausen. **No Rastro de Tina Modotti**. São Paulo: Alfa-Omega, 1989, pp. 180 e 181.

<sup>13</sup> Conforme depoimento de Dionysa Brandão, cedido ao AEL, em 18 de Junho de 1992, no Rio de Janeiro.